

NECROLOGIO

1534

LEONÍDIO RIBEIRO

"Não vale a pena tentar viver para sempre; não se consegue

George Bernard Shaw

Prefácio do "The Doctor's Dilemma"

AP1906
Desaparece aos oitenta e dois anos de idade o introdutor da anestesia pelo protóxido de azoto no Brasil. Em Petrópolis, mesma cidade onde suicidou-se o consagrado autor do "Brasil, País do Futuro" Stefan Zweig. No exato momento em que acabara de lançar o seu último livro "Memórias de um Médico Legista" — 1.º volume — como demonstração aos seus amigos e leitores de que precisava continuar sua vida, repleta de realizações e de sonhos, para escrever o segundo tomo com as mesmas trezentas páginas do primeiro.



Tenta-se viver mas não se consegue como disse o imortal filósofo com sua graça satírica.

Leonídio Ribeiro foi sempre um exemplo para todos nós e um grande Mestre em toda as atividades que desempenhou.

Filho de um cirurgião paulista, ele mesmo nascido em São Paulo, não seguiu a especialidade paterna, apesar de ter sido aluno do saudoso Prof. Augusto Paulino e de ter escrito sua tese de doutoramento "Tratamento Cirúrgico da Litíase Biliar".

E apesar também de ter freqüentado os melhores serviços cirúrgicos da França, com os dos Professores Delbet, Lejars,

Marion, Gosset, Pauchet, Tuffier, Duval, Lecence, Faure, Hartman, Legueu e De Martel. Vai ser difícil em poucas páginas lembrar a sua passagem pela vida, donde o destaque que daremos a sua contribuição ao desenvolvimento da anestesiologia brasileira.

Aceitando a sugestão do Professor Brandão Filho, por ocasião de sua nova viagem à França Leonídio Ribeiro estagiou no serviço do Prof. Desmarest no Hospital de Boulogne Sûr-Seine, em Paris. No decorrer do ano de 1926, aprendeu com seu assistente Dumont a nova técnica de anestesia inalatória que estava surgindo, com a utilização do protóxido de azoto. Na sessão da Academia Nacional de Medicina, em 14 de novembro de 1929, declarou textualmente o Prof. Brandão Filho:

“O Dr. Leonídio Ribeiro pagou caro a ousadia de trazer de Paris o aparelho de Anestesia, mas teve a satisfação de ver coroado de êxito sua iniciativa. As inúmeras dificuldades que eu previra, na Europa, somaram-se outras que puzeram em choque o estimado colega. Ele não desanimou porém, em face dos embaraços sobrevindos e conseguiu assim à custa de exaustivos trabalhos, vencer todos os obstáculos, e graças aos seus esforços pode-se dizer que a anestesia pelo protóxido de azoto, é hoje um fato no Brasil”.

Outro depoimento que acrescentaremos é o do Prof. Maurity Santos, que entre outras afirmações disse:

“Nos vários doentes que operei, sob anestesia geral pelo protóxido de azoto, o silêncio foi perfeito e o acordar pronto e tranqüilo. Esse tipo de narcose, aparte algumas restrições nas grandes intervenções abdominais já se impoz à minha simpatia, sobretudo quando praticada por um especialista como o meu colega e amigo Leonídio Ribeiro!

Em 1927 seu ex-interno Ataíde Lopes, escreveu sua tese de doutoramento na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, incluindo as observações dos inúmeros doentes anestesiados com o óxido nitroso pelo Dr. Leonídio Ribeiro, que já no ano seguinte ingressava na Academia Nacional de Medicina, com um trabalho intitulado: “Anestesia pelo protóxido de azoto”, onde foram relatados os seus primeiros setenta casos com o emprego do gás hilariante utilizando o aparelho de Desmarest que trouxera da França em 1926.

Em um depoimento pessoal afirma Leonídio Ribeiro, no seu último livro,

“Decorridos quase cinquenta anos, é o momento de assinalar que não foi sem muitos sacrifícios que pude realizar o desejo do Prof. Brandão Filho. Minha permanência em Paris se destinava a frequentar Cursos de Medicina Legal, especialidade que pretendia lecionar em meu regresso ao Rio. O

Hospital onde tinha o seu serviço o Prof. Desmarest, era em Boulogne Sûr-Seine — afastado subúrbio da cidade — e tive de comprar o aparelho e trazer comigo vários tubos de protóxido de azoto que não era fabricado no Brasil, além de várias máscaras de borracha, tendo em vista sua pouca duração. O aparelho era simples e se compunha de dois pequenos depósitos, um de gaz e outro de oxigênio, que se misturava num balão de borracha e eram manipulados pelo anestesista, por meio de manobras rápidas em seus parafusos. Havia um tubo ligado à máscara e que envolvia toda a cabeça do doente, impedindo-o de respirar fora do balão, onde estavam misturados os dois elementos. E mais nada”.

E logo prossegue o depoimento que é longo:

“Mesmo assim, pude adormecer quase trezentos pacientes, moços e velhos, muitos em estado grave, sem o menor acidente, o que considero verdadeira proeza técnica”.

Mais adiante escreve o inesquecível Professor algumas palavras que transcreveremos com o orgulho de um fundador da S.B.A.

“O sacrifício que realizei e a responsabilidade que assumi, com essa experiência, foram bem recompensados pela gloriosa iniciativa da Sociedade de Anestesiologia, criando em 1965 um prêmio com o meu nome”.

Esse prêmio constituiu-se de uma medalha de ouro atribuída ao melhor trabalho sobre anestesia pelo protóxido de azoto, tendo sido outorgado na Presidência do nosso colega Deyller Goulart Meira — autor de vários trabalhos sobre a História da Anestesia no Brasil.

Com a sua delicadeza de sentimentos e a sua linguagem simples e agradável, relata-nos ainda Leonídio Ribeiro:

“Não quero porém encerrar estas reminiscências sem assinalar a alegria que experimentei, quando fui, recentemente, assistir a uma demonstração feita por meu colega Mario Almeida, no Hospital dos Estrangeiros, de como se realiza hoje uma anestesia pelo protóxido de azoto. E pude convencer-me de que a minha modesta contribuição foi o ponto de partida para que se realizasse no Brasil, uma experiência capaz de dar os melhores frutos, naquele dia, uma equipe de técnicos especializados, entre médicos e enfermeiros, munidos de vários aparelhos, cada qual mais perfeito, obedecia ao comando do meu ex-discípulo de 1927”.

Sobre Mario Almeida, está escrito em seu livro de memórias“

“É justo assinalar o papel decisivo que coube ao Dr. Mario Almeida, como pioneiro da implantação da nova especialidade de médico anestesista no Brasil, desde quando iniciou, ainda jovem estudante, a sua brilhante carreira na 23.^a Enfermeira

da Santa Casa do Rio de Janeiro, como interno do Prof. Brândão Filho”.

Misturam-se a esse memorável acontecimento dos idos de 1926, os nomes de ilustres e renomados Mestres da Cirurgia Brasileira, que citaremos com redobrado prazer:

Pedro Ayres Neto, David Sanson, Júlio Vieira, Leão Velloso, Milton de Carvalho, Aristides Novis, Guerra Blesman, Donato Vale, Oliveira Mota, Pedro Moura, José Beleza, todos contribuindo com sua parcela de simpatia para a integração em nosso País de uma das mais úteis especialidades médicas.

Receba assim Mestre Leonídio Ribeiro a homenagem e o carinhoso agradecimento dos Anestesiologistas brasileiros, quando repousais na serra, cercado de hortências azuis que se multiplicarão sempre, juntamente com a admiração que lhe dedicamos.

Ao completar 75 anos de idade Winston Churchill afirmou:

“Estou pronto para enfrentar o meu Criador. Se o meu Criador está ou não preparado para a árdua prova de me enfrentar, esse é outro assunto”.

Leonídio Ribeiro em sua existência plena de sucessos, esforçou-se para continuar vivendo, e em certos momentos, gostava de citar o velho Churchill.

Estaria sendo coerente com os seus pensamentos? Uma coisa é certa, o seu legado não será esquecido por nós.

DR. JOSÉ GUIMARAES SANTOS
Presidente da Comissão de Relações
Públicas da S.B.A.